

SÉRGIO SANT'ANNA

Páginas sem glória

Dois contos e uma novela



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Sérgio Sant'Anna

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa

José Medeiros/ Acervo Instituto Moreira Salles

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Márcia Moura

Adriana Cristina Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sant'Anna, Sérgio

Páginas sem glória : dois contos e uma novela / Sérgio

San'Anna. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2144-1

1. Contos brasileiros 2. Ficção brasileira I. Título.

12-07394

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

2. Ficção : Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Entre as linhas, 7

O milagre de Jesus, 28

Páginas sem glória, 71

Entre as linhas^{*}

Eu estava sentado numa poltrona, ela num sofá, diante de mim. A nos separar, uma mesa baixa, sobre a qual havia uma jarra com mate, um balde com gelo, e dois copos. Em suas mãos, as páginas impressas com a pequena novela que eu concluía havia cinco dias e lhe enviara por e-mail, pedindo que ela a lesse o mais brevemente possível. Tão logo o fez, convidou-me a ir ao seu apartamento naquela noite de segunda-feira. De todos os meus amigos e amigas era nela que eu mais confiava para emitir um juízo crítico organizado, e nem por isso frio, sobre o meu trabalho. E, de fato, entre as linhas do meu texto, ela fora rabiscando outro texto, que lhe servia de base para o que ia me dizendo, embora, evidentemente, não se impedisse de formular outros pensamentos ali mesmo. Ela me pediu que só a interrompesse quando julgasse absolutamente necessário, pois, definitivamente, não queria entrar em discussões comigo, e sua fala devia fluir

^{*} Este conto foi publicado na antologia *A literatura latino-americana do século XXI*, organizada por Beatriz Resende (Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005).

com toda a liberdade. Para não perder nada do que ela dissesse, eu levarei um gravador, que deixarei ao meu lado, no sofá. Por três vezes, ela teve de parar, para que eu trocasse a fita no aparelho. E cada um se levantou para ir ao banheiro uma vez. À parte esses intervalos necessários, não a interrompi em momento algum, pois me fascinava de tal modo o texto que ela ia pronunciando, que essa peça crítica — e, por que não dizer?, também literária e até poética — terminou por tomar, com retoques meus de acabamento, o lugar de minha novela, tornando-se um novo produto que deve ser debitado a nós dois, como se poderá conferir pelo seu resultado. Pois, se a maior parte das palavras do texto final foram ditas por ela, não poderiam existir sem a obra que lhes deu origem, e, muitas vezes, com ela até se confundem.

— Não sei, esse lado seu sombrio, até mortífero — ela disse. — E essa busca sua por demais intencional de beleza, como se isso o redimisse de tanta morbidez e melancolia. Como se você fosse, antes de tudo, um descritor de cenários, sensações e composições — ela disse. — Essas flores que você chama de noturnas pendendo de um vaso na pequena sala do apartamento; a representação de um quadro e de uma gravura, no quarto e na sala; o crucifixo na parede sobre a cama de Pedro; de frente para ele, na outra parede, o quadro com Viviane nua, mas com o seu corpo decomposto em signos do seu sexo — ela disse. — Mas como se você fosse também, repito, um descritor de sensações. O cheiro que Pedro julga sentir da maresia, embora a praia esteja a dois quarteirões de distância do seu edifício; ou mesmo o rumor, ao longe, das ondas quebrando na areia, que ele tem a impressão de escutar — ela disse. — Uma beleza talvez suspeita e aliciante, como a música, dessas que tocam nos carroséis, que às vezes assoma à mente de Pedro, correspondendo ao que está impresso

na gravura da sala, com o garoto sentado sobre o cavalinho que estará girando, girando, subindo e descendo.

— Mas me parece, sobretudo, que há todo um desperdício de Copacabana, pois Pedro trata quase sempre de interiores — ela disse. — Mas bastaria a ele descer à rua para estar com as pessoas, muitas pessoas, e com os acontecimentos, desde os mais prosaicos e banais do cotidiano até uma súbita explosão de violência. Bastaria a Pedro entrar em qualquer um daqueles botequins, onde todos se misturam, conversam e bebem diante do balcão, para que ele dispusesse de uma galeria de personagens. O modesto balconista de um desses botequins já viu muito mais coisas na vida do que você, Fernando, ou o seu personagem Pedro. Bom, está certo que Pedro observa a vida em outros apartamentos, como, por exemplo, a velha senhora no edifício em frente, que assiste à TV de madrugada com o cachorro adormecido ao seu lado no sofá; o casal que trepa, descuidadamente, visto como vultos iluminados apenas pela luz indireta que vem de outro aposento, o homem possuindo a mulher de bruços. E Pedro sente ao mesmo tempo fascínio e repulsa diante daquela força bruta e selvagem do instinto (*ela riu*). “Força bruta e selvagem do instinto”, faça-me o favor — ela disse. — E por que, me diga, ele é acometido, logo depois, pela certeza de que alguém já terá saltado da janela de um edifício próximo, talvez até do prédio dele, Pedro? Por que essa associação imediata do sexo com a morte? E na tela interior de Pedro, e depois na tela do seu computador obsoleto, as palavras que descrevem o cadáver de um homem coberto por um plástico, com duas velas ao lado, cujas chamas o vento extinguiu. E, no entanto, Pedro julga sentir o cheiro da cera derretida e, por algum motivo, pensa nisso como uma sensação quase mística, obedece a um lado dele que é taoista, esse

cheiro imaginário perdido no espaço. Pois o Tao, ele sabe, são todas as coisas, mesmo as projeções de um homem angustiado e deprimido.

— Mas me incomoda, principalmente, que Pedro saia por instantes de si mesmo, para, como se estivesse no edifício em frente, ver a si próprio diante do computador. Pelo amor de Deus, que história mais gasta, essa de um escritor angustiado diante da página ou da tela em branco, que ele pode preencher como quiser. Ou melhor, como conseguir — ela disse. — E que coisa horrível que ele inscreva nela o cadáver de um suicida na calçada. Aliás, me incomoda até, e muito, que a literatura seja tema da literatura, que o protagonista de uma obra seja um escritor, levando a maior parte do tempo uma vida tão solitária e mortificante, escrevendo a duras penas um livro sempre na iminência do fracasso, num processo contínuo de autoflagelação. Você corre o risco de o leitor perguntar: por que ele não para com isso de uma vez e vai fazer outra coisa? — ela disse. — Mas, vá lá, você não deixa de explicar: diante do fracasso em outros campos da vida, dois casamentos desfeitos e sem gerar filhos; um homem sem profissão definida, mal sobrevivendo de *freelances* da escrita, como revisões e traduções, não é de admirar que ele coloque todas as suas fichas, ou ilusões, num amor tão particular e na literatura, mas sob a ameaça contínua de perder em ambos, se é que não são indissociáveis em sua novela.

— Sim, porque se ele, Pedro, vive uma paixão ao seu modo por Viviane, sabe que ocupa apenas um determinado espaço e tempo nos sentimentos e interesses dela. E que o único modo de possuí-la toda é inscrevendo-a em sua história, seu livro — ela

disse. — Mas, por outro lado, sente que para viver plenamente o seu amor, ser digno dele e de Viviane, tem de realizar bem essa inscrição, justificando-se também aos seus próprios olhos por levar uma vida tão reclusa. Estando completamente inseguro nessa escrita, encontrando dificuldades a todo instante, sente-se quase sempre inferiorizado diante de Viviane. Assim, estamos mais uma vez no reinado da literatura — ela disse — apesar do fato de que é através de Viviane, sua liberdade e alegria, que a vida penetra na vida de Pedro e em sua escrita — e, por que não dizer?, também na sua, Fernando. Através dela e de Misael. E Pedro se vê oscilando entre o seu ciúme e a fascinação por Misael, entre outras coisas porque ele é músico, um excelente músico, e negro. Um fascínio a ponto de ter ido uma noite misturar-se à plateia para vê-lo e ouvi-lo tocar o seu saxofone, juntamente com outros músicos, num palco erguido na praia de Copacabana. E sente inveja dele por exercer uma arte que parece muito mais visceral do que a sua — olha a literatura aí de novo —, da mesma forma que inveja em Viviane seu trabalho de criar e pintar matrizes para estamparias de vestidos, papéis de parede, toalhas de mesa *et cetera*, que lhe permite viver criativamente e com independência — ela disse. — E se Pedro, volta e meia, tem recaídas num sentimento de posse mais ou menos silencioso, inclusive a grande recaída no final da história, sabe que não pode prescindir da liberdade selvagem de Viviane, é ela que o seduz e alimenta — ela disse. — E que seria fatal para a ligação deles tentar privá-la dessa liberdade. Que seria impensável viverem uma vida doméstica a dois.

— E, vá lá, eu até entendo que Pedro queira viver intensamente seus encontros com Viviane, que é um pássaro arisco, como você escreveu — ela disse, com uma entonação levemente

irônica. — E também que Pedro procure fazer Viviane sentir prazer e muito, e que assim ela queira tornar a vê-lo. Mas daí a enfeitar uma trepada com belas frases e lirismo — como você fez em determinado momento —, esse negócio de procurar penetrar nos segredos mais escondidos no corpo e no próprio ser de Viviane, para possuí-la inteira, nem que seja por instantes, me parece uma bobagem adocicada.

— Também está tudo muito colado em você, Fernando, ao que eu conheço de você — ela disse. — O modo como Pedro deita a cabeça no regaço de Viviane, nessa mesma ocasião, depois do amor (termo que você usou), sentindo no rosto seus pelos pubianos e contemplando o sexo entreaberto dela para retê-lo na mente, aquela abertura para outro mundo, enquanto faz com que ela lhe acaricie por momentos os cabelos. Desculpe-me a gozação, Fernando, é como se você quisesse literalmente ser profundo. Mas é infantil essa relação com ela, coloca o homem como um ser fraco e dependente. E por que pelos pubianos? Não pode dizer pentelhos como todo mundo? E sexo entreaberto, meu Deus do céu — ela disse. — Está certo que é difícil falar dessas coisas, mas será preciso falar de sexo minuciosamente nas histórias? E não me admira que Viviane logo se impaciente, se levante, acenda um cigarro e logo arranje um pretexto para partir. Aliás, você mesmo deixa claro que para ela gostar de Pedro à sua maneira, é preciso esse entrar e sair à vontade, é preciso que haja outras pessoas na vida dela.

— Mas você também deixa bem claro que “o outro”, o verdadeiro rival, que domina a fantasia de Pedro, é mesmo Misael. A um ponto tal que ele chega a tomar coragem e perguntar uma noite a Viviane como é transar com o músico. E quando ela abre um sorriso largo e diz: “Ah, com Misael é outra coisa, Misael é

cool como a sua música, e, no entanto, muito homem”, Pedro se sente mortificado, mas aguenta firme. E sabendo que Misael frequenta a casa de Viviane e convive com a filha dela, Rita, de dez anos, acaba por construir uma das cenas mais belas em sua história. O que quer dizer também da sua, Fernando.

— Essa cena — ela disse — em que Misael está sentado com Rita no sofá, a menina só de calcinha, com a cabeça encostada no ombro dele, enquanto leem juntos um livro de histórias ilustrado. Enquanto a própria Viviane, também só de calcinha, fuma um cigarro e passa um vestido de noite na tábua de passar roupa, ali mesmo na sala. Nessa cena você põe o melhor de você, Fernando — ela disse. — E achei bonito, adequadamente feminino e muito próprio de Viviane, ela estar passando um vestido prateado, que brilha, cintilante. E é também exemplarmente adequado e elegante, como sua música, que Misael esteja usando um terno impecável. Enfim, uma cena de um erotismo apenas sugerido, enternecedor, de que faz parte a menina. Sobre a mesa da sala, a caixa preta que guarda o saxofone. Supõe-se, então, que o músico vá tocar em algum lugar e que Viviane irá com ele. Acho muito sensível da sua parte que você tenha posto Pedro como que amando os outros três, ele que é excluído dessas cenas tão familiares e, na verdade, não se sentiria à vontade nelas — ela disse.

— Mas se Viviane é assim tão vital para Pedro, você não chega a construí-la como uma personagem autônoma, com uma interioridade, pois a narrativa nunca se faz da perspectiva dela — ela disse. — É sempre Pedro quem a está vendo, sentindo-a, imaginando-a. E se por um lado me agrada que Viviane só se mostre por meio de seus atos, seus gestos e palavras, mas sempre diante de Pedro ou em sua imaginação, a gente pode se pergun-

tar: afinal, por que ela vem ali, entrega-se a ele? Mas não sei, talvez você tenha lavrado um tento, deixando que o comportamento dela em cena fale por si, somado ao que sente Pedro, suas percepções — ela disse. — E é bem possível que o leitor deva preencher certos espaços. Pelo menos eu preenchi alguns deles da seguinte forma: Viviane se impressiona com aquele homem se devorando de um modo tão desesperado em sua escrita, como se só pudesse viver através dela, que, no entanto, sofre interrupções, quando ele se dedica ao trabalho com que ganha a vida. E Viviane sabe muito bem a parte fundamental que ocupa na vida dele, e também na sua escrita, apesar dos intervalos em suas visitas. E isso a desvanece e ela cumpre com fervor o seu papel, com toda a autenticidade, não saberia fazer de outro modo. Sabe, também, que por enquanto ele fracassa, em seus próprios termos, e ela percebe o que há de dramático nessa situação, esse homem sempre à beira do abismo, pois poderá não suportar um fracasso definitivo — ela disse. — Então Viviane, que já desfruta de outro ou mais amores sem esse tipo de doença, enamora-se dessa situação-limite, principalmente porque a vive apenas durante o tempo que deseja; Pedro, à parte a cena final, sempre a deixa ir embora em paz, não se torna nunca pegajoso, pois teme perdê-la se exagerar em sua devoção. E, nós sabemos, há um certo modo de ele torná-la sua para sempre, que é construindo-a bem dentro do livro. E é muito importante isso: que ele não se rebaixe, não mendigue o amor dela além do que esse amor é. Então ela se dá com generosidade e acaba por gozar; o que você descreve das trepadas dá margem a que se conclua isso. E se ela logo o deixa, saciada, ou mesmo saturada de tanta intensidade, ansiando por um ar menos rarefeito, chegará o momento em que sentirá vontade, ou uma compulsão, de voltar — ela disse. — Pelo menos é como eu conto a sua história, da perspectiva de Viviane. E, por favor, não me contradiga. Pois, uma vez escrita, a história não mais lhe pertence.